

# PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno II

Florianopolis, 28 de Junho de 1919

Num. 43

Diario da Filha de Maria

## Quero ser uma santa, custe o que custar

(Verso do francez por Mary)

I

Eu quero!

Palavra poderosa!

Quando ella sae, limpida e ardente, duma alma viril, rompe todos os obstaculos, *pode tudo!*

O axioma — *quem quer pode* — applicado  perfeio moral no  um paradoxo sino para a preguia, a inconstancia, a pusillanimitude.

Vs, que o negais, j dissestes, algum dia, em face de um dever austero e repugnante  vossa natureza, j dissestes, digo, *eu quero?*

E, com o impulso dessa palavra, immediatamente e sem olhar para a direita nem para a esquerda, vos puzestes  obra e *comeas*? E esse *comeo* foi *continuado* sem interrupo, apesar do aborrecimento, da fadiga e do resultado no satisfactorio?

E essa *continuao* foi *recomeada* todos os dias e com o mesmo ardor?

No, vs no fizestes isto, vs que duvidais do poder da palavra — *Quero!*

Vs dissestes *eu queria*; e olhastes e desistastes o olhar, murmurando: * impossivel!*

Em face do *dever de ser um santo*, a palavra *impossivel*  a palavra dum pusillanime.

Nora Sanfelice

## Dize-me com quem andas ...

A condessinha Yelma era o encanto dos seus. Sempre meiga e carinhosa, vivia ella alegrando os ultimos annos de seus paes. Desde pequenina que era assim. O pae, altivo descendente de uma familia de nobres varões, ensinra-lhe as tradioes de sua raa e ~~im-~~plantra em sua alma o amor pelos estudos e pela arte. A me, senhora pllida, de porte humilde, vinha-lhe ensinando, desde os primeiros annos, a doutrina christ, fazendo-lhe ver os innumerados martyrios pelos quaes passra o Redemptor, pelo amor que consagrava aos homens. Yelma crescera, pois, juntando ao espirito educado e maduro no pensar, um corao todo candura e meiguice.

Nunca partira para um internato como suas conhecidas; os paes, principalmente a me, no se sentiam com a *fora necessaria* para se apartarem de seu thesouro. E Yelma consentira em ficar, apesar de muitas vezes se lembrar que poderia aprender muito mais, si estivesse num Collegio, como as outras de sua idade.

Oh! ella no se queixava dos seus, no; para isso os amava muito, mas s vezes suspirava, pensando que seus paes, pelo amor egoista que lhe consagravam, faziam-na perder os melhores annos de sua existencia. E quanto mais o tempo passava, mais os olhos alegres da condessinha se tornavam melancolicos. E um dia chegou a tentaco...

No palacio vizinho, da familia X., as vastas portas se tinham aberto para receberem visita. Eram duas moas... Uma alta, trigueira, de andar compassado e olhar severo; a outra baixa, loira, viva, sempre a sorrir e a brincar.

## Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

*Assignaturas:*

Anno . . . . . 4\$000  
Mez . . . . . \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

*A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.*

—o—

Com esta visita, o palacio dos X. creou vida. Não mais se fechavam as altas janelas gothicas, não mais dormia em um canto, esquecido, o bello plano de cauda.

Grace, a loira, queria vida, distracção; viéra ella por acaso sepultar-se aqui, neste palacio?

Os creados tinham agora de andar com elasticidade; adeus, tempo descançado de outra ora!

Maggie, a trigueira, observava os modos da irmã, com um riso duro e um menear de cabeça. Os X., que nunca tinham procurado os seus visinhos, viram-se obrigados a fazeremno agora, pois Grace declarava, cada dia, que queria fazer conhecimentos, que não estava acostumada a viver sósinha, pois os velhos e sua irmã nada valiam para ella.

A primeira apresentação foi no palacio dos paes de Yelma, por ficar mais perto. A condessinha, que nunca ou raras vezes estivera em contacto com moças de sua idade, sentiu-se logo altrahida pelos modos francos e exaggerados de Grace. E quando, ao se despedir, ella lhe depositou um beijo na testa, Yelma o tomou como o sello da nova amizade. Desde aquelle dia não se separaram mais; Grace, que se dizia muito viajada, contava-lhe os encantos das cidades grandes, onde se viam só mulheres bonitas, luxo embriagador e outras mil cousas maravilhosas.

E Yelma ficava a escutal-a, com as mãos cruzadas e os grandes olhos muito abertos. Quando Grace findava, um suspiro se lhe escapava do peito, porém ella nada dizia.

Grace não estava contente consigo. Parecia ter formado um plano infernal, cujo exito a tornava nervosa. Uma tarde sahíu ella de sua casa para ir buscar Yelma. As sobancelhas estavam cerradas e os olhos azues tinham um quê de ameaçador. Com passos rapidos atravessou o portal que separava os dois parques e penetrou no dominio dos paes de Yelma. Chegada a uns metros de distancia do palacio, asobiou tres vezes de um modo particular. Poucos instantes depois a condessinha se achava a seu lado. Abraçadas começaram a passear pelas vastas alamedas. O canto dos passarinhos chegava até seus ouvidos. Era uma linda tarde de Maio.

A beira do grande tanque se sentaram, fatigadas. E Grace iniciou uma narrativa. Não contava á companheira nada de novo. Falava-lhe do mundo; e quanto mais falava, mais som-

brío se tornava seu rosto e mais attentosamente observava a physionomia de Yelma. No fim, o costumado suspiro fugiu de seus labios pallidos, e Grace ia desanimar, quando a condessinha murmurava bem baixo: «Ah! quem pudesse ir uma vez por ahí afóra, só uma vez, ver o quê é o mundo!»

Um riso de triumpho, um riso sarcástico passou pelos labios de Grace. Chegando-se mais a Yelma, fel-a sentir o aroma embriagador de seus perfumes, e, passando sua echarpe pelo hombro da infeliz menina, murmurou-lhe no ouvido, com uma voz doce, melodiosa:

—Pois vem commigo, minha Yelma; partiremos amanha mesmo; conhecerás o mundo, eu t'o mostrarei.

E assim, neste tom, continuou, e suas palavras soavam no ouvido de Yelma como uma peça de Gounod.

—Oh! vem, vem commigo, foram as ultimas palavras de Grace.

Ao ouvir-as, Yelma se levantou; seu semblante pallido exprimia a lucta que travavam o bom e o mau instincto lá por dentro, em seu coração; e ella lembrou-se da tentação do seu Jesus, e, extendendo o braço contra Grace, exclamou:

—Deixa-me, deixa-me, Satan, que me tentas!

Grace mudou de côr ao ouvir estas palavras, e, com o seu riso diabolico, disse:

—Bella menina, como estás nervosa! Oh! não te quero levar, ovelhinha que temes desgarrar-te de teu pastor. Fica, fica ahí, desabrocha e marcha; ninguém te conhecerá, ao passo que eu irei gosar o mundo e suas delicias. Medrosa!

E ao dizer esta ultima palavra, a sua voz, que até então era d'escarneo, tomou um tom de desprezo.

Yelma tornava-se escarlata; seu peito ofegava e seus labios tremiam. Ouvindo aquellas palavras, que eram uma offensa, não se moveu, e, ao terminar o insulto, disse, abaixando a cabeça:

—Leva-me, Grace, por esta vez...

Estava vencida. Novamente o riso triumphante passou pelos labios da aventureira, e ella, tomando as mão de Yelma entre as suas, disse:

—Oh! bem sabia que não o havias de recusar! Está combinado, não é? Amanhan no comboio das 5. Sahíras desaperecebidamente de casa; roupa não precisas muita, mas tuas jolas e dinheiro, tens?

(Continúa)

## Cartas singelas

*Boa amiga Fabiola*

Ignex resuscitou! dirás, com certeza, ao ler as duas palavras — cartas singelas.

Sim, resucitei e vim conversar por alguns instantes contigo, si é que não estás zangada commigo, por causa do meu longo silencio.

Mas... tu me desculpas, não é? pois sabes que, além de não ter nascido para escriptora, falta-me o tempo.

Somos amigas como dantes?

Então... vamos á conversa.

Foste á procissão de Corpus Christi que se realizou hoje no Collegio das Irmãs da Divina Providencia?

Imagina que eu, apesar da chuvinha impertinente que cahiu pela manhã, deixei os affazeres domesticos e fui para a cidade, a fim de assistil-a.

Mas que pena, Fabiola!

A chuva não permittiu que a procissão se realizasse com o mesmo brilho e esplendor dos annos anteriores!

As desveladas Irmãs, conforme ouvi dizer, muito trabalharam para o embelezamento das alamedas do Collegio, por onde a procissão deveria passar, mas, devido á chuva, não foi isso possível, percorrendo sómente o pateo interno, que estava muito bem ornamentado, vendo-se de quando em quando uma imagem rodeada de flores e folhagens variadas.

Ao chegar a procissão á capella, foi dada a benção com o SS. pelo Exmo. Snr. Bispo, sendo cantado nessa occasião um bellissimo «Tantum ergo».

Ah! Fabiola, não imaginas quanto gostei de assistir a essa bella e imponente procissão!

Quanto é bello contemplar-se uma multidão, como aquella de quinta-feira, que crê, com uma grande e inabalavel fé, na presença real de Jesus Christo, na Santa Eucharistia!

Oh! lá todos os homens tivessem essa mesma fé, para respeitarem sempre, e em toda a parte, essa pequenina e humilde hostia em que se esconde Jesus, com todo o seu poder, gloria e majestade!...

Boa Fabiola, aqui fico por hoje, pois que me aguardam mil occupaões.

Abraça-te a velha amiga, sempre fiel,  
Ignez.

São José, 19 de Junho de 1919.

## Uma aposta bem feita

COMEDIA EM 2 ACTOS

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

D. Francisca, dona do hotel.

Rosa, sua sobrinha.

Crescencia, cozinheira.

Estudantes: Carmen, Judith, Emma, Leonor, Margarida; tres meninas menores; Florisbella Madresilva.

ACTO II

Uma sala do hotel «A gança dourada»; no meio uma mesa grande com cadeiras ao redor. Um relógio na parede.

SCENA IX

As precedentes menos Madresilva

Judith — Estou admiradissima de sua paciencia, Madama! Não esperava tanto da Sra.!

Margarida — (ás outras) Ella ganha a aposta!

Emma — E os nossos 100\$000, não?

Leonor — Que pena!

SCENA X

As precedentes, Crescencia e Rosa (esta vem de chapéo, guarda-sol e bolsa de viagem, e chora).

Crescencia — Arre! tambem não é preciso chorar tanto, rapariga! Tua tia há de ficar boa depressa. O essencia! é mandares depressa o doutor. Não te esqueças de dar lembranças á tua mãe e á Maria!

Rosa — (chorando) Pobre titia! A Sra. quer mesmo que eu vá? (D. Francisca gesticula raivosa, dizendo que não.)

Carmen — (a Rosa) Certamente que deves ir, Rosa! Não estás vendo como tua tia está cada vez peor? Então não tens coração?

Judith — E vai o mais depressa possível! Olha: o afamado medico é conhecido por — Doutor Sabe Tudo, e mora na Rua do Presidente, n.º 42. Elle é muito careiro, porém... tua tia é rica!

Crescencia — Então vae, minha filha, e que Deus te proteja!

Rosa — (á tia) Adeus, querida tia! Eu rezarei muito pela Sra., para que fique boa depressa! (D. Francisca ameaça-a, muito agitada.)

Carmen — (levando Rosa para a porta) Anda, Rosa, antes que tua tia fique furiosa, por não poder fallar! Vem, nós te acompanharemos até a esquina! (Dirigem-se todas para a porta.)

D. Francisca — (agarra Rosa pelo braço e grita, com raiva) Fica aqui, sua pateta! que eu não estou doente!... Maldita aposta!...

Todas as estudantes — (riem e batem palmas) Ganhámos a aposta! Hurrah!

Carmen — Perdeu a aposta, D. Francisca, portanto...

D. Francisca — (interrompendo, e cahindo, exausta, numa cadeira) Arre! quasi fiquei maluca! Nunca pensei que fossem capazes de tanto!

Judith — Agora o nosso pedido, D. Francisca!

D. Francisca — (amudamente) E qual será elle?

Carmen — Nós lhe pedimos que deixe a boa Rosinha ir passar uns 8 dias com a mãe.

D. Francisca — (levantando-se, com raiva) Não! isto não pode ser! Não posso dispensar a Rosa!

Judith — Lembre-se de que nos prometteu attender-nos, D. Francisca!

Margarida — E que nos affiançou, há pouco ainda, que, tendo uma vez dito que sim, jamais diria que não!

Emma — Sim! a Sra. o disse!

Carmen — Portanto... a Rosa vae para casa!

D. Francisca — E quem servirá meus hospedes? Quem me ajudará nas minhas multiplas occupaões?

Judith — Nós cuidaremos disso, D. Francisca, de modo que a Sra. fique satisfeita comnosco.

*D. Francisca* — (depois de pequena pausa) Si assim é... ella que vá!

*Carmen* — E os 100\$000 que a Sra. nos deve, dê á Rosa, para que ella os leve para a sua mãe doente.

*Judith* — A elles nós juntaremos os nossos 100\$000, para que seja ainda maior o prazer da mãe de Rosinha. (Dá a Rosa, que ahí está admiradissima do que ouve, os 100\$ que estavam em cima da mesa.)

*Leonor* — Então, D. Francisca?

*D. Francisca* — (depois de ter estado um tanto indecisa) Toma! (Dá os 100\$000 a Rosa) Tu bem os mereces, pois que já trabalhas há muito tempo commigo, e sempre foste uma boa rapariga! Dá lembranças á tua mãe e á Marial... Agora vae (Dá-lhe a mão) e volta breve com saude!

*Rosa* — (alegre) Como? Não estou sonhando, querida tia? Tudo é verdade?

*Crescencia* — Ora si é verdade! Vem commigo, que pelo caminho te contarei tudo como foi!

*Rosa* — (a D. Francisca) Então a Sra. não está com a doença das... das... apostas? E não preciso trazer o medico?

*Crescencia* — Não, Rosa! (Puxa-a) Vem depressa, para alcançares a lancha das 6! (Sae com Rosa).

*As estudantes* — (gritam, quando ella sae) Adeus, Rosa! Adeus! Dá lembranças á tua mãe e á tua irmã!

*D. Francisca* — (rindo) Mas vocês com a sua aposta! Como puderam ter semelhante idéa?

*Carmen* — (rindo) Pois assim é que são as peças pregadas pelas estudantes!

*D. Francisca* — (rindo) A Rosa foi que lucrrou com a brincadeira, e isso me dá prazer! Agora vejo, meninas, como é consolador fazer-se o bem!

(Cae o parno)

## DOMINIOS DA ESPHINGE

### 7º. TORNEIO CHARADISTICO

(Abril, Maio e Junho)

Tres premios ás vencedoras

—o—

54—56) APHERESADAS

4—E' devota esta menina—2.

2—Esta senhora não é boa—1.

3—A discreção recommenda a empregada—2. I. A.

### 3) ANCILLA DOMINI

## NA INTIMIDADE

Mécia dedicava á mãe uma affeição vivissima; na sua perspicacia feminina, adivinhando ali uma dôr profunda, procurava com mil caricias mitigar, em parte, os dissabores d'aquelle coração sequioso de affecto.

E alguns annos se passaram assim; a familia ia em augmento, mas o chefe muitas

vezes desertava do lar. Amigos seus, concedores da situação, não hesitaram emprehender consolar a linda esposa trahida, mas Laura estava acima dessas tentações, e em breve soube inspirar a todos respeito e veneração.

Muito virtuosa, muito casta, guardava como um thesoiro, no recesso d'alma, o amor inteiro que dedicava a Sergio.

Tamanha constancia venceu afinal. Um dia, com os olhos marejados de lagrimas, Sergio chegou-se a ella, beijou-lhe a mão e disse: «Perdoa-me! nunca mais has de chorar por minha culpa». Isto foi por occasião da primeira communhão de Mécia, e desde esse dia a promessa foi cumprida fielmente.

Laura queria livrar a filha do martyrio que ella havia padecido; a sorte da menina, se casasse com Mendo, seria peor que a sua. Sergio era fraco, mas não pervertido, como Mendo. Sergio tinha tido bons principios e se na mocidade se desviou delles não tardou muito em tornar ao bom caminho; Mendo, porém, não offerencia nenhuma segurança de emenda.

Mécia ignorava tudo isso; encantou-se pelo rapaz numa festa em que o encontrou, e pouco mais tarde, quando Mendo se tornou assiduo, atrahido pela peregrina belleza da joven, ella, com toda a innocencia, correspondeu áquelle affecto. Desde o principio relatou tudo á mãe, e Laura e o marido ao colher informações do candidato, tiveram as peiores possiveis. Foi então que se lembraram de aceitar para a filha o convite de uma irman adoptiva de Laura, que residia com a familia, numa cidade do interior. Judith Freitas tinha sido criada com Laura como irman; amavam-se extremosamente, e só se separaram quando Judith se casou, tres ou quatro annos antes da mãe de Mécia.

Ao pensar nessas cousas todas e na proxima ausencia da filha muito amada, Laura não pôde conter as lagrimas.

Mécia viu que a mãe chorava, e largando a penna, acercou-se della, enlaçou-a com os braços: — Mãe! mãezinha, não chores! E' por mim, que os teus lindos olhos derramam tantas lagrimas? Vou prometter-te uma cousa: farei todo o possivel para me esquecer de Mendo; estás contente agora? Sim, ha de custar-me muito, por certo, mas tal é a minha confiança em teu amor, que convencida estou que tens razão, conquanto eu não possa alcançar o teu motivo de repulsa por elle. Mãe, confio em ti, amo-te muito, muito, muito! Não chores. Acho que fazes bem em mandar-me passar tempos em casa de tia Judith. Aqui ser-me-ia muito difficil esquecer... mesmo lá, não sei se conseguirei.

(Continua)



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA OYSNE, Florianópolis  
Rua 28 de Setembro N.º 8.